

## Irma Renault e Dostoiévski: a atualidade do mal que circula entre nós

*Como dizia Goethe: o homem entra na literatura e, quando sai dela, sai mais rico e compreendendo melhor o mundo.<sup>1</sup>*

*É espantosa a atualidade de Os Demônios. A despeito do avanço da democracia e do colapso do simulacro de socialismo no Leste Europeu, sua leitura hoje dá a impressão de que não houve mudança profunda na essência das coisas e aqueles “demônios” continuam soltos e agindo sob diferentes disfarces nos campos da direita e da esquerda, dos liberais e dos conservadores.<sup>2</sup>*

Os graves tempos de hoje, em que vimos a exacerbação da violência e sua “legitimação” diária<sup>3</sup>, são tempos que nos exigem aumentar a compreensão sobre o mal. Vimos despertar dos mais profundos recônditos formas de violência que achávamos superadas, tanto como modo de vida quanto como forma de governo. Esse “despertar legitimado” da violência nos exige pensar formas de resistir aos retrocessos em nosso processo de desenvolvimento humano. Nesse contexto, tentar compreender quando e como praticamos o mal<sup>4</sup> se apresenta como uma necessidade vital, eis que o que está em jogo é a regeneração de nossa humanidade, a viabilização da convivência humana em sociedade, a sobrevivência do sistema democrático entre nós.

No âmbito pessoal, como membro de uma instituição pública que lida com a aplicação da lei e a garantia de direitos<sup>5</sup>, a vida profissional me exige formar, diariamente, juízos a respeito da inocência ou culpabilidade de pessoas que cometem crimes, buscando a justa responsabilização a partir do que está posto nas

---

<sup>1</sup> Antônio Cândido, em vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E>.

<sup>2</sup> Comentários do tradutor Paulo Bezerra no livro Os Demônios, de Dostoiévski - p. 697

<sup>3</sup> Entende-se que a legitimação da violência tem acontecido no Brasil diariamente, especialmente pelos exemplos dados pelo atual Presidente da República que, com suas palavras, gestos e ações e pela posição que ocupa, oferece incentivo à disseminação da violência, tanto nas instituições quanto no seio da sociedade.

<sup>4</sup> No presente texto, identificamos a noção de “mal” à de “violências”, tomando-se estas como sinônimo de “destrutividade humana” no conceito trazido por Erich Fromm em “Anatomia da Destrutividade Humana”. Nesse sentido, estamos tratando das formas de agressão exclusivamente humanas, não instintivas, que podem alcançar a estrutura do caráter – individual ou social – e são desenvolvidas como solução alternativa diante do fracasso em desenvolver as potencialidades humanas, em realizar a “biofilia”.

<sup>5</sup> A autora é membro do Ministério Público de Minas Gerais e atua na área criminal.

leis, em um exercício relevante de pacificação social. Não raro, entretanto, a aplicação da lei vem dissociada de questionamentos e reflexões sobre o conceito maior de Justiça, distanciando o processo jurídico dos fins últimos que justificam a existência de instituições, de poderes públicos e das normas<sup>6</sup>. Nesse sentido, mostra-se de fundamental importância tentar compreender os mecanismos que levam pessoas a produzir e cancelar as mais diversas violências, não apenas as violências que se manifestam na prática de crimes, mas também aquelas oriundas das ações dos agentes do sistema de justiça, que são, inevitavelmente, movidos por seus sentimentos e valores quando selecionam e direcionam a aplicação da lei.

Como integrante desse sistema e, principalmente, como pessoa que almeja, para além da mera coexistência, a convivência em sociedade<sup>7</sup>, a mim muito interessa esclarecer sobre o funcionamento do mal. Confio que ampliar a consciência sobre o que nos leva à prática de violências seja um passo importante e necessário à mudança de atitude e à ressignificação de sentimentos e emoções, possibilitando identificar saídas possíveis não apenas às pequenas, mas também às grandes desumanizações em curso.

Enfrentar essa realidade está longe de ser um processo fácil mas, na construção de uma vida mais humana, podemos contar com recursos que nos permitem ampliar a compreensão sobre nossa própria realidade. As artes são um poderoso recurso nesse processo ao permitir que busquemos em suas representações, expressas em diferentes linguagens, respostas às nossas questões demasiadamente humanas.

Por esse motivo, e como a contribuição possível para o momento, as linhas que se seguem são uma tentativa de ampliar nossa compreensão sobre o mal na estrutura do ciclo da calúnia estabelecendo relações entre duas obras de arte: o livro *Os Demônios*, de Dostoiévski, e o quadro *Alegoria da Calúnia*, de Irma Renault, este último, a obra-base do presente projeto do Artear.

A artista mineira Irma Renault (1923-1995), durante dezoito anos, desenvolveu sua compreensão sobre as questões da destrutividade humana partindo de algo essencialmente humano: a prática da calúnia<sup>8</sup>, o germe de onde originam violências que evoluem em escala no seio da sociedade. Como fenômeno humano de natureza social e caráter político, a calúnia visa, em última análise,

---

<sup>6</sup> Sem desconsiderar a complexidade que envolve as concepções de Justiça, a utilização do termo no presente texto remete à noção de boa vida - não em sua forma egoísta, mas a partir do fortalecimento, em cada um dos cidadãos de uma sociedade, da preocupação com o todo e da construção de vias que permitam a existência complementar entre uma política do bem comum e práticas de preservação das diversidades.

<sup>7</sup> A convivência que se almeja é aquela trazida por Julian Marias no livro “Tratado sobre a Convivência”, que pressupõe, para além da mera coexistência (a existência ao mesmo tempo), que as pessoas busquem, com suas diferenças, suas discrepâncias, seus conflitos, viver juntas, conviver. É a concórdia sem acordo.

<sup>8</sup> Falar sobre a criminalização da calúnia no CP

excluir um indivíduo ou grupo do convívio social<sup>9</sup>, exclusão moral ou física. Essa disseminação de afirmações falsas e desonrosas a respeito de alguém de modo a atingir a sua dignidade, congrega uma trama de sentimentos e atitudes<sup>10</sup> que vem sendo trabalhados nas ciências humanas e nas diversas artes, de modo a nos permitir compreender o ato de caluniar e suas consequências e, especialmente, a nos enxergar nesse verdadeiro “ciclo diabólico”.

O quadro *Alegoria da Calúnia* (1995) traz quatorze alegorias de sentimentos e comportamentos que estão presentes em nossa vida diária e se relacionam intimamente para fazer girar o ciclo da calúnia: a má-fé, a credulidade, a ignorância, a verdade por ouvir dizer, a desconfiança, o sarcasmo, a inocência, a hipocrisia, a inveja, o remorso, a culpa, o artifício, a maledicência e a própria calúnia. Irma Renault, com sua obra, nos convida a querer saber um pouco mais sobre os sentimentos e as condutas que movimentam a engrenagem que permite que o mal circule na vida cotidiana e, muitas vezes de forma banalizada, vá passando do seu estado ínfimo – uma simples fofoca ou comentário maldoso - ao seu grau extremo - o extermínio do outro.



A partir da explicitação das relações existentes entre as figuras no quadro, tentou-se correlacionar, na literatura de Dostoiévski, narrativas que comportam esses sentimentos e condutas, partindo de situações que, apesar de descritas na ficção, se realizam também no nosso mundo humano. Nesse sentido, Dostoiévski nos permite aprofundar a compreensão do quadro, instigando-nos a ver, na vida real, as questões ali representadas.

<sup>9</sup> Antropologia da Alegoria da Calúnia, p. 11.

<sup>10</sup> Idem, p. 13 e 58.

<sup>11</sup> Quadro Alegoria da Calúnia, Irma Renault (1990).

A história de *Os Demônios* se passa na Rússia Imperial do século XIX, em uma pequena cidade do interior e, em meio à explosão de movimentos políticos reacionários, a trama é permeada pela atmosfera paranoica de uma conspiração política em curso que leva a uma desconfiança generalizada na cidade. O livro é inspirado em fatos reais, o assassinato do estudante I.I. Ivanov em 1869 por um grupo político reacionário<sup>12</sup> e, tanto na ficção quanto na realidade, chegou-se ao grau extremo que o ciclo da calúnia retratado por Irma Renault pode chegar: o extermínio do outro - no caso, o extermínio físico por meio de assassinatos.

No contexto da narrativa de Dostoiévski, todas as figuras representadas no quadro de Irma Renault aparecem e estão agindo para que **maldades** sejam praticadas, por atores diversos e em graus variados, assim como para que a **barbárie** escondida em cada um dos personagens apareça na trama, permitindo ao leitor visualizar como essa engrenagem é posta em movimento<sup>13</sup>.

Um personagem se destaca no livro, ocupando papel central nas maldades que são praticadas: **Piotr Stiepanovitch Vierkhoviénski**, rapaz altamente ambicioso, com sede de poder, que abomina a ciência e a educação do povo e sonha em ter a seus pés uma massa de pessoas obedientes e sem pensamento próprio, formando uma legião de seguidores fiéis.

“-Ouça, Stavróguin: igualar as montanhas é uma ideia boa, e não é cômica. Sou a favor de Chigalióv! Não precisamos de educação, chega de ciência! Já sem a ciência há material suficiente para mil anos, mas precisamos organizar a obediência. No mundo só falta uma coisa: obediência. A sede de educação já é uma sede aristocrática. Basta haver um mínimo de família ou amor, e já aparece o desejo de propriedade. Vamos eliminar o desejo: vamos espalhar a bebedeira, as bisbilhotices, a delação; vamos espalhar uma depravação inaudita; vamos exterminar todo e qualquer gênio na primeira infância. Tudo será reduzido a um denominador comum, é a plena igualdade. [...] Mas precisamos também da convulsão; disso cuidaremos nós, os governantes. Os escravos devem ter governantes. Plena obediência, ausência total de personalidade, mas uma vez a cada trinta anos Chiagalióv lançará mão também da convulsão, e de repente todos começam a devorar uns aos outros, até um certo limite, unicamente

---

<sup>12</sup> A morte do estudante I.I. Ivanov ocorreu diante de sua decisão de se afastar da organização política clandestina Justiça Sumária do Povo por divergências políticas. Paulo Bezerra, tradutor de Dostoiévski, nos conta, na edição da Editora 34, que o autor acompanhou atentamente o desenrolar do caso pela imprensa e ele próprio conhecia de perto a atuação política dos grupos de esquerda de sua época, sendo condenado à morte por envolvimento político, pena comutada em trabalhos forçados na Sibéria (*Os Demônios*, p. 689).

<sup>13</sup> Curioso mencionar que, durante a leitura do livro, as figuras do ciclo da calúnia foram identificadas em ao menos 76 passagens na trama.

para não cair no tédio. O tédio é uma sensação aristocrática; no chigaliovismo não haverá desejos. Desejo e sofrimento para nós, para os escravos, o chigaliovismo.”<sup>14</sup>

Piotr, a encarnação de quem almeja o poder a qualquer custo, é colocado no centro da trama por Dostoiévski como o grande articulador do mal e, assim, ele se identifica com o caluniador pintado por Irma Renault no quadro *Alegoria da Calúnia* - figura poderosa e satisfeita em fazer girar a engrenagem do mal da calúnia. Como o caluniador de Irma, o personagem nem sempre é o responsável direto pelas ações concretizadoras do mal mas se apresenta como **o grande manipulador** que conduz, com requintes de perversidade, as ações e reações de cada um a partir de suas próprias fragilidades, manipulando suas sombras.

Do livro se infere que o poder que Piotr exerce sobre praticamente todos os demais personagens no livro é diretamente proporcional às fraquezas do seu caráter, que podem ter raízes em seu **profundo sentimento de inferioridade**. Não raro, essa inferioridade aparece em forma de inveja, na hostilidade com que pratica a maledicência, no ódio que exala de seu sarcasmo.

Para alcançar seu intento de dominação, Piotr usa do prestígio emprestado de amigos com pessoas influentes na cidade para ser aceito na sociedade local e, a partir daí, através de uma percepção cirúrgica das fragilidades alheias – identifica com clareza quando está presente no outro a credulidade, a ignorância, a desconfiança, a inocência, a culpa – é capaz de manipulá-los. Assim, consegue fazer crer, a um pequeno grupo de homens revoltados com o regime de governo mas também dominados pela ideia de poder, que ele seria o líder de um dos núcleos de um movimento revolucionário em curso em nível nacional, no qual se conspirava por uma ação política de derrubada do governo. A crença infundida no grupo leva a maior parte de seus integrantes à **obediência total** ao personagem, culminando na **cumplicidade** em um assassinato. A partir daí, outros crimes são praticados, alguns como parte do plano, outros para assegurar impunidade nos crimes anteriores.

Utilizando-se dos mesmos **mecanismos de manipulação** utilizados para angariar a cumplicidade do grupo de executores<sup>15</sup> - o personagem consegue, durante boa parte da trama, infundir obediência e temor também em **pessoas**

---

<sup>14</sup> Fala do personagem em uma das passagens do livro *Os Demônios* onde, em um rompante de sinceridade, explicita seus propósitos, aderindo às ideias de Chigalióv, personagem que desenvolve uma teoria de dominação de 10% da população, os supremacistas, sobre os 90% restantes (p. 407/408).

<sup>15</sup> Vem da semiótica o conceito de **manipulação persuasiva**, que abarca a manipulação pelo **poder** – exercida através da tentação ou da intimidação – e a manipulação pelo **saber** – exercida pela provocação ou pela sedução. No caso sob análise, ambas as formas de persuasão são identificadas no personagem.

**estratégicas** da sociedade local, o que se torna imprescindível à realização de seu intento.

Chama atenção a manipulação exercida por Piotr sobre dois personagens na trama: **Von Lembke**, o Governador da cidade, e **Yúlia Mikháilovna**, sua esposa, que representam o poder constituído e a influência social, forças poderosas direcionadas aos planos de poder em curso. Para isso, pode-se dizer que as características de cada um dos personagens, especialmente seus “**demônios internos**”, são um aspecto fundamental para o sucesso da empreitada, eis que pavimentam o caminho por onde circula a manipulação.

Andriêi Antónovitch ou Von Lembke, o Governador, representa na localidade o Estado, o poder constituído. Mostra-se ao leitor como uma pessoa satisfeita em sua **ignorância**, que não se permitia pensar<sup>16</sup> - e, talvez por isso, desprezasse suas próprias percepções. Era **desconfiado**, sofredamente cismado<sup>17</sup>, se perdia em conjecturas e nunca compreendia o principal<sup>18</sup>. Como não suportava a tensão provocada pelas incertezas, logo encontrava uma **resposta crédula** que o satisfazia extraordinariamente<sup>19</sup>. Graças a tais características, Von Lembke viva com as mãos estendidas, postas à manipulação de Piotr e era capaz de acreditar nas piores mentiras que este inventasse; também era levado a concordar rapidamente com suas ilações perversas, deixando-se facilmente “**emprenhar**” **pelos ouvidos**. Foi assim que, como autoridade máxima da cidade e comandante das forças policiais, rapidamente aderiu à versão inventada que colocava como conspiradores políticos os operários explorados que reivindicavam melhores condições de trabalho, deslocando as forças de repressão do Estado na direção errada. Manipulado, ele deixou de agir para frear a verdadeira conspiração e, apesar de se ver aparentemente muito atento a cada passo à sua volta, não conseguiu enxergar que o maior conspirador era frequentador assíduo de sua residência.

Yúlia Mikháilovna, a esposa, representa a influência da primeira-dama na vida social e, como tal, vivia cercada de pessoas que buscavam ascensão e prestígio. Sobressaem em sua personalidade as características da **inocência**, da **hipocrisia** e da **má-fé**. No desenrolar da trama, fica clara sua recusa em perceber que Piotr assumia sobre seu marido “uns direitos estranhos”<sup>20</sup>, permitindo que a

---

<sup>16</sup> Como nessa passagem do livro: “Von Lembke começou a cair em evidente meditação, e meditar lhe era prejudicial e proibido pelos médicos (p. 308).

<sup>17</sup> p. 352

<sup>18</sup> Interessante e elucidativa a seguinte passagem do livro, na descrição do personagem: “Como toda pessoa sofredamente cismada, Andriêi Antónovitch sempre caía numa extraordinária e alegre credulidade no primeiro instante em que saía de uma incerteza.” (p. 352)

<sup>19</sup> P. 352 - “sempre caía numa extraordinária credulidade no primeiro instante em que saía de uma incerteza”.

<sup>20</sup> Como retratado nessa passagem: “É que desde os primeiros momentos o jovem Vierhkoviénski revelou um terminante desrespeito por Andriêi Antónovitch e assumiu sobre ele uns direitos estranhos, enquanto Yúlia Mikháilovna, sempre tão ciosa da importância de seu marido, negava-se terminantemente a notar isso; pelo menos, não lhe dava importância” (p. 308).

dominação sobre ele avançasse. Banalizando constantemente o mal produzido à sua volta, vivia cercada por pessoas perversas, que gostavam de fazer maldades para **satisfazer o tédio** e, ainda que, por vezes, até se contrariasse com alguma perversidade praticada, rapidamente relevava ao se deixar distrair ou influenciar por qualquer outra coisa<sup>21</sup>. Com esse comportamento, Yúlia se deixava manipular por Piotr, cedia facilmente à **sedução** de seus **artifícios**, dando ouvidos à sua **maledicência** e se submetendo aos seus comandos como se obedece a um **ídolo**<sup>22</sup>, ao mesmo tempo em que lhe abria as portas da sociedade local. Não raras vezes, a manipulação a que era submetida a colocava em oposição e discórdia com o próprio marido, o que fazia com um certo gosto, já que viviam uma relação permeada pela cumplicidade, mas também pelo desprezo, o ciúme, a inveja, a competição, a relação de poder e o ódio. Sem a influência sobre Yúlia certamente Piotr não alcançaria tamanha influência sobre o Governador; também não alçaria voos tão altos no meio social local – o que lhe facilitou angariar a cumplicidade do grupo que o auxiliou diretamente na prática dos crimes.

A manipulação exercida por ou sobre pessoas que têm o dever de agir para impedir que o mal se instale em uma sociedade é uma estratégia poderosa, utilizada por perversos para ampliar seu poder e alcançar seus objetivos. A responsabilidade por se deixar manipular pela destrutividade - própria ou alheia - aumenta à medida em que as consequências das ações praticadas são direcionadas ou alcançam uma coletividade de pessoas.

Nesse sentido, *Os Demônios*, que teve sua inspiração em um caso verídico, nos faz um alerta:

“[...] Dostoiévski o vê [o caso verídico que inspirou o livro] em seu contraditório movimento interior e mostra em *Os Demônios* como ideias grandiosas e generosas, uma vez manipuladas por indivíduos

---

<sup>21</sup> Como nessa passagem: “Mas houve travessuras já intoleráveis, com um certo matiz. Apareceu na cidade uma vendedora de livros vendendo O Evangelho, mulher respeitável ainda que modesta. Começaram a falar dela porque acabavam de sair histórias curiosas sobre vendedoras de livros nos jornais da capital. Mais uma vez Liámchin, o mesmo finório, ajudado por um seminarista, um vadio que aguardava o lugar de mestre numa escola, fingindo comprar um livro, enfiou às escondidas na sacola da vendedora um maço inteiro de sedutoras e abjetas fotografias estrangeiras, doadas, como se soube depois, propositadamente para o caso por um velhote muito respeitável cujo nome omitimos, homem que usava uma medalha importante no peito e, segundo sua própria expressão, gostava de um “riso sadio” e de “brincadeira divertida”. Quando a pobre mulher começou a tirar da sacola os livros sagrados no nosso Gostíni Riad, espalharam-se também as fotos. Ouviram-se risos, murmúrios; a turba aglomerou-se, houve insultos, a coisa teria acabado em espancamento se a polícia não houvesse chegado a tempo. Meteram a vendedora no xadrez e só á noite, graças ao empenho de Mavrikií Nikoláievitvh, que ficara indignado ao saber dos detalhes íntimos dessa história abjeta, puseram-na em liberdade e para fora da cidade. Nesse caso, Yúlia Mikháilovna quis expulsar categoricamente Liamchin, mas na mesma noite toda a turba o levou à sua casa, informando que ele inventara uma coisinha nova e especial ao piano, e a persuadiram a apenas ouvi-lo.”(p. 316) – grifamos.

<sup>22</sup> Ilustrativo dessa situação a seguinte passagem, referindo-se à Yúlia em relação a Piotr: “Fitava-o como a um oráculo e, parece, se naquele instante ele se retirasse ela cairia de cama” (p. 480).

sem consciência cultural nem princípios éticos, podem se transformar na sua negação imediata, assim como a utopia da liberdade, da igualdade e da felicidade do homem pode degenerar na sua negação, no horror, na morte, na destruição. Ideias grandiosas não podem ser geridas por mentes pequenas que não fazem senão amesquinhá-las, por seres indigentes sem condição de compreender a essência profunda da natureza humana e prezar a liberdade do homem, por pessoas que fazem das ideias objeto de compra e venda, moeda de troca com farsantes, vendilhões de liberalismo ou gente que jamais teve qualquer apreço por elas.”<sup>23</sup>

Os avanços no processo civilizatório exigem que tenhamos antídotos à manipulação, como o desenvolvimento do pensamento crítico através de uma boa educação da população. Não à toa, governos autoritários, para se perpetuarem, buscam atacar a educação do país, de modo a perpetuar-se o apassivamento de sua população. Um povo sem uma educação crítica é facilmente manipulado por interesses outros que não refletem os interesses em prol de uma vida juntos, em comunidade.

Irma Renault nos mostra que, se quisermos avançar em nosso desenvolvimento como pessoa, precisamos atentar para o emaranhado de sentimentos que nos compõem e que direcionam nossos pensamento e ações. Dostoiévski denuncia como, ao longo da História, tem se repetido episódios de manipulação de ideias grandiosas em favor de objetivos espúrios, cujos estragos são sentidos por todos. Em meio aos avanços e retrocessos em nosso processo de desenvolvimento, permanece inalterada a necessidade de trabalharmos, de forma permanente, nossas contradições humanas, resistindo, a cada dia, à barbárie.

---

23 Observações feitas pelo tradutor Paulo Bezerra em Os Demônios (p. 694).